The cover features a textured, reddish-brown rock surface. A dark green horizontal band is positioned at the top, containing the title 'XELB 4' in white, bold, sans-serif font. The 'E' is stylized with a diamond shape inside. Below the green band, a central arched opening in the rock reveals a dark interior with three horizontal wooden planks.

XELB 4

Actas do 1º Encontro de
Arqueologia do Algarve

Silves - 2003



.XI

Intervenções de Emergência realizadas pela Extensão
de Silves do Instituto Português de Arqueologia

Leonor Rocha*

Resumo

No âmbito das suas competências realizou a Extensão de Silves, até ao momento, três intervenções de emergência, das quais se apresentam aqui duas.

A primeira realizou-se em 1999 na Praia do Forte Novo (Quarteira, Loulé). Trata-se de um povoado neolítico onde se recolheram abundantes materiais cerâmicos. A segunda realizou-se em 2000, na Rua de Acesso ao Castelo (Silves). Esta intervenção permitiu identificar uma provável área de ossário.

Abstract

In the following paper the results of two emergency excavations undertaken by the department of Silves in recent years are presented.

The first intervention took place in 1999 at Praia do Forte Novo (Quarteira, Loulé). At this site a Neolithic settlement was confirmed by the presence of many ceramic materials dating to that period.

The second intervention was undertaken at the city of Silves (Rua de Acesso ao Castelo) in 2000. Here an ossuary area was identified.

* Arqueóloga do Instituto Português de Arqueologia - Extensão de Silves. Desde Janeiro de 2002 na Extensão do Crato. E-mail: lrocha@ipa.min-cultura.pt

A. PRAIA DO FORTE NOVO (QUARTEIRA, LOULÉ)

1. INTRODUÇÃO

“O nosso projecto não passaria daquilo que se chama uma operação de emergência, executada antes que os trabalhos agrícolas consumassem a destruição total de quanto ali aparecera. Em todos os países, quando surgem casos desta natureza, tomam-se providências para se proceder a uma escavação imediata, e este procedimento leva os proprietários dos terrenos a ter confiança, a dar conhecimento de qualquer achado arqueológico, pois os serviços públicos da especialidade não se fazem esperar no cumprimento da sua obrigação, evitando-se que os trabalhos em curso sofram atraso. Entre nós, noticiado o facto aos organismos superiores, estes, em geral, limitam a sua acção em suspender qualquer iniciativa em curso, sem lhe dar remédio. Isto criou nos proprietários, empreiteiros, etc. uma mentalidade hostil à Arqueologia, de modo que, quando surge qualquer antiguidade, mandam destruir tudo imediatamente, antes de chegarem os arqueólogos que, no seu entender tudo empatam e nada solucionam.

E não se julgue que esta aversão existe somente entre gentes menos dadas às letras. Estende-se a todas as camadas sociais, mesmo a pessoas com responsabilidades de mando e de cultura.

Foi lutando contra esta rotina que nos propuzemos uma imediata acção, a qual, como veremos foi coroada do melhor êxito”

(Paço e Lemos, 1964: 28-29)

O sítio pré-histórico da Praia do Forte Novo foi descoberto, acidentalmente, pelo Sr. Joaquim Jacinto, membro do grupo de Espeleologia de Quarteira (GEONAUTA), o qual tem vindo a colaborar com o Instituto Português de Arqueologia - Extensão de Silves na realocização de grutas e algares do concelho de Loulé.

Embora o local já tivesse estado anteriormente exposto pela acção das marés vivas (segundo informações orais recolhidas no decurso dos trabalhos), só em Junho de 1999 é que o IPA - Silves foi alertado para esta situação.

A necessidade de uma rápida intervenção devia-se não só ao facto de o povoado se encontrar ameaçado pela destruição involuntária causada por veraneantes.



Figura 1 : Vista geral do sítio da Praia do Forte Novo.

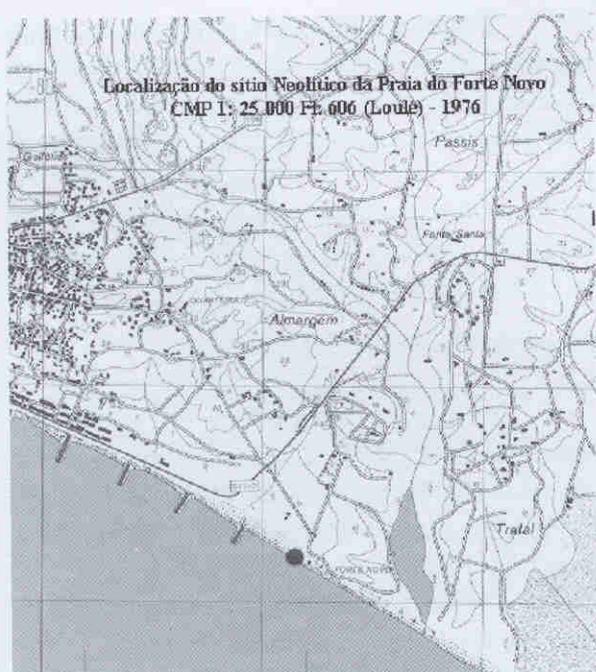


Figura 2 : Mapa de Localização da jazida

A jazida corresponde a uma plataforma de barros castanhos escuros, onde eram visíveis manchas arredondadas de tonalidade mais negra, aparecendo, por toda a área, uma grande concentração de cerâmicas.

Localiza-se na praia do Forte Novo, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro (Carta Militar de Portugal Fl. 610), e as suas coordenadas geográficas são 8° 04' 43" de Longitude; 37° 03' 36" de Latitude e com altimetrias entre cerca 1m e 2.50 m.

2. Metodologia da escavação

Dada a situação de emergência e a necessidade de se recolher o máximo de informação sobre o sítio, optou-se por intervir em áreas descontínuas. A área do quadrado I-8 (Sondagem A), por se localizar numa cota mais elevada, teve como objectivo determinar a potência estratigráfica, numa área teoricamente menos afectada .

Apesar de fortes condicionalismos em termos de tempo útil de escavação, uma vez que só se podia escavar entre as duas marés cheias, o que dava um tempo de escavação diário de cerca de 6/7 horas (ainda se tinha de limpar diariamente a área da areia acumulada durante a maré cheia, o que levava mais cerca de 4 horas), tentou-se escavar em área aberta, por níveis arqueológicos, segundo o princípio de Barker/Harris, tendo os materiais sido registados por Unidades Estratigráficas - [U.E].

O levantamento topográfico da área foi realizado pelos topógrafos da Câmara Municipal de Loulé.

Iniciada a decapagem / limpeza da [2], nos quadrados D-9/8/7, onde aparecia uma grande concentração de cerâmicas à superfície, verificou-se que os materiais arqueológicos estavam contidos num camada areno-argilosa bastante bem conservada, aparecendo as cerâmicas, por vezes, partidas em conexão. À medida que se prosseguia a decapagem desta U.E foi sendo possível identificar algumas áreas muito escuras (enchimentos de estruturas negativas), por vezes com uma grande concentração de nódulos de barro cozido.

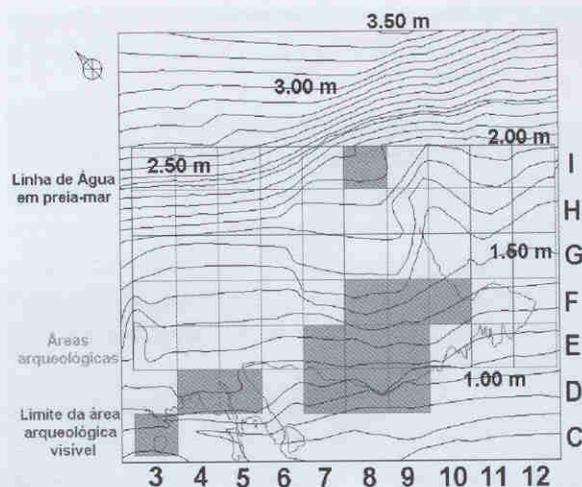


Figura 3 : Planta da área intervencionada.

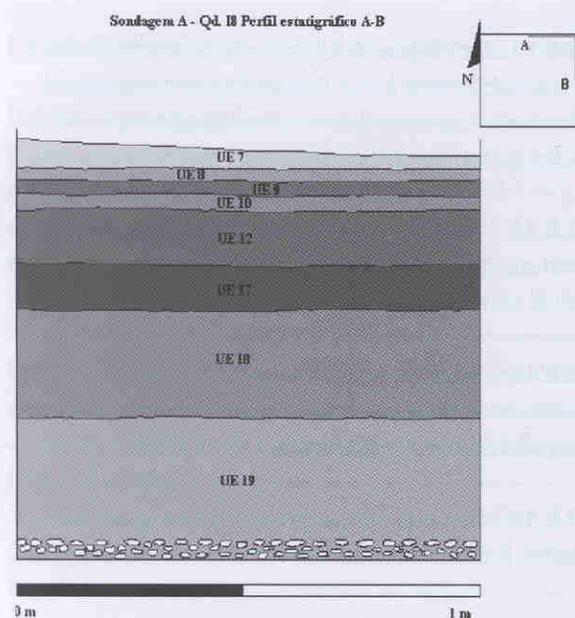


Figura 4 : Corte da sondagem A.

No primeiro dia optou-se por deixar a descoberto, para posteriormente fotografar e cotar, esta camada. Esta opção fez-nos perder muita informação, uma vez que se verificou ser impossível deixar qualquer vestígio a descoberto, pois a força das marés arrastava todos os materiais deixados à superfície; assim, teve que se passar a retirar todos os materiais arqueológicos e registar toda a informação (desenho, fotografia, cotas e materiais) antes da subida da nova maré, o que por vezes dificultava a interpretação da estratigrafia e o próprio registo.

Para esclarecer algumas dúvidas em relação à eventual diferenciação cronológica/estratigráfica decidiu-se escavar integralmente um nódulo que aparecia isolado no quadrado C-3. Apesar de apresentar uma potência estratigráfica de cerca de 0,50m não se identificaram quaisquer diferenças na estratigrafia ou nos materiais recolhidos neste sector.

♦ A U.E.4 foi identificada em quase toda a área escavada parecendo tratar-se de um “solo” de ocupação na qual se identificaram outras estruturas negativas (algumas das quais já estavam visíveis devido à erosão das camadas superiores).

A observação da estratigrafia na Sondagem A, permitiu verificar a existência de uma potência relativamente elevada de depósitos essencialmente lodosos e a aparente ausência de níveis arqueológicos, nesta área. De facto, os raros materiais arqueológicos identificados poderão ter vindo por arrasto. Atingido aquilo que se considerou ser o nível de base [20], desenhou-se, cotou-se, fotografou-se e tapou-se, uma vez que, dada a sua profundidade, se tornava impossível conservá-la aberta quando a maré subisse.

Durante a escavação, com a descida de uma maré identificou-se uma nova realidade. Na área a SE da escavação apareceu uma grande quantidade de argilas vermelhas e no lado SO apareceram argilas cinzentas claras, ambas sem materiais arqueológicos. Recolheram-se amostras dos dois tipos para análise.

Também no lado SO, inseridos nas argilas cinzentas claras, apareceram numerosos pequenos troncos, dos quais se recolheram amostras para análise e datação.

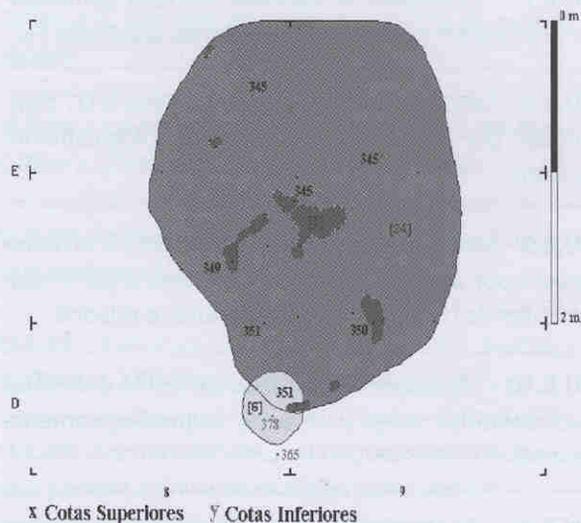


Figura 5 : Planta cotada das [5], [6] e [24].

A. Unidades estratigráficas:

U.E.0 - Camada de areia marinha.

U.E.1 - Enchimento da estrutura negativa identificada à superfície no quadrado D-7, com terras muito negras, carvões e cerâmicas (bordos simples, carenas, carenas mamiladas e mamilos simples, localizados pouco abaixo do bordo).

U.E.2 - Camada de terras barrentas, mais ou menos compactas, com materiais arqueológicos e manchas de carvão. Estende-se por toda a área a descoberto.

U.E.3 - Enchimento da estrutura negativa identificada no quadrado D-5, muito semelhante à [1].

U.E.4 - Camada de terras muito escuras com carvões e materiais arqueológicos Subjacente à [2].

U.E.5 - Nódulos de barro cozido, relativamente espessos, que aparecem nos quadrados D-8/9. Separa nitidamente a [2] da [4].

U.E.6 - Enchimento da estrutura negativo identificada no quadrado D-9.

U.E.7 - Sondagem A. Camada arenosa completamente estéril identificada no topo do quadrado I-8.

U.E.8 - Sondagem A. Camada subjacente à [7] composta por argilas cinzentas. Arqueologicamente estéril.

U.E.9 - Sondagem A. Camada subjacente à [8] composta por argilas castanhas. Aparecem alguns fragmentos de cerâmica, muito pequenos e rolados.

U.E.10 - Sondagem A. Camada de terras castanhas acinzentadas subjacente à [9] Arqueologicamente estéril.

U.E.11 - Preenchimento da fossa que surge no quadrado E-8 e se prolonga para o E-7. Caracteriza-se por apresentar terras muito escuras com materiais.

U.E.12 - Sondagem A. Camada de terras cinzentas escuras subjacente à [10] Arqueologicamente estéril.

U.E.13 - Estrutura negativa (Fossa) preenchida pela [11].

U.E.14 - Argilas rosadas, pouco compactas e de textura granulosa, que aparecem no quadrado C-3. Nível com materiais arqueológicos.

U.E.15 - Argilas amareladas com muita areia, por vezes com tonalidades acinzentadas. Sem materiais arqueológicos. No quadrado C-3.

U.E.16 - Camada subjacente à [2] nos quadrados D-8/D-9, E-8/E-9, com muitos materiais arqueológicos.

U.E.17 - Sondagem A. Camada de terras areno-argilosas castanhas escuras com cerâmicas muito roladas e concreções negras.

U.E.18 - Sondagem A. Camada de terras arenosas, com alguma argila, castanhas amareladas, com concreções negras.

U.E.19 - Sondagem A. Camada de areia-amarelada e seixos rolados embalados em argila cinzenta, com algumas cerâmicas.

U.E.20 - Sondagem A. Camada de cascalho com areia e argilas acinzentadas. Nível de base. Arqueologicamente estéril.

U.E.21 - Areia amarela misturada com argila cinzenta (lodosa), aparentemente sem materiais arqueológicos, que aparece subjacente à [2], nos quadrados F - 10/9/8 e parece estender-se para os 7 e seguintes. Não nos foi possível observar convenientemente esta realidade por não ter sido possível retirar toda a areia que a cobria.

U.E.22 - Camada que aparece no quadrado D-4 num dos cantos (NW). Caracteriza-se pela presença de nódulos escuros e terras mais escuras. Com materiais arqueológicos.

U.E.23 – Estrutura negativa (buraco de poste) aberto na [11].

U.E.24 - Camada de terras muito escuras, com cerâmicas, algumas em conexão, que aparece nos quadrados E-8/9. Medidas: 2,40 m x 2,60 m

U.E.25 - Camada de terras castanhas no canto NW do quadrado D-4.

U.E.26 - Estrutura composta por algumas pedras de pequenas dimensões, muitas cerâmicas e nódulos de barro, definida no quadrado D-4. Confina com as [25], [27] e [28].

U.E.27 - Camada de terras castanhas claras, no canto NE do quadrado D-4.

U.E.28 - Camada de terras muito escuras, com carvões, no quadrado D-4.

U.E.29 - Camada de terras castanhas, parcialmente subjacente à [28], no quadrado D-4.

U.E.30 - Grande concentração de barro cozido, no canto SE do quadrado D-4.

U.E.31 – Camada de topo de uma lareira (A) com terra negra, com elevada densidade de cinzas e micro-carvões, no quadrado D-4.

U.E.32 – Piso de lareira (A) com terras ligeiramente rosadas, no quadrado D-4. Subjacente à [31].

U.E.33 – Enchimento da fossa, junto do corte Norte, no quadrado D-4.

U.E.34 – Enchimento da segunda fossa, junto do corte Oeste, no quadrado D-4.

U.E.35 – Camada de cinzas de uma segunda lareira (B), no corte Sul do quadrado D-4.

U.E.36 – Piso de lareira (B), de cor rosada, no corte Sul do quadrado D-4. Separa os dois níveis de carvões,

[35] e [37]. Subjacente à [35].

U.E.37 – Camada de cinzas, subjacente à [36], de uma terceira lareira, no corte Sul do quadrado D-4.

U.E.38 – Camada de terras castanha-rosadas, no corte Sul, do quadrado D-4. Subjacente à [37].

U.E.39 – Camada de terra alaranjada sob a camada de cinzas e cerâmicas correspondentes à [24].

U.E.40 - Substrato geológico – argilas vermelhas - dos quadrados D-8/ D-9 e E-8/ E-9.

U.E.41 – Estrutura negativa, fossa da [1]. Medidas: 0,46m x 0,40m por 0,15 m de profundidade.

U.E.42 - Estrutura negativa, fossa da [3]. Medidas: 0,32 m x 0,30 m por 0,27 m de profundidade.

U.E.43 - Estrutura negativa, fossa da [6]. Medidas: 0,48 m x 0,46 m por 0,27 m de profundidade.

U.E.44 - Estrutura negativa, fossa da [33]. Medidas: 0,36m x 0,30m (até ao corte) por 0,15m de profundidade.

U.E.45 - Estrutura negativa, fossa da [34]. Medidas: 0,40m x 0,24m (até ao corte) por 0,07m de profundidade.

U.E.46 - Estrutura negativa, fossa da [23]. Medidas: 0,08m x 0,08m por 0,20m de profundidade.

U.E.47 - Enchimento de uma pequena fossa (Fossa 1) que perfura a [11].

U.E.48 - Estrutura negativa, fossa da [47]. Medidas: 0,22m x 0,22m por 0,10m de profundidade.

U.E.49 - Enchimento de uma pequena fossa (Fossa 2) que perfura a [11] e se encontra junto da [47].

U.E.50 - Estrutura negativa, fossa da [49]. Medidas: 0,20m x 0,20m por 0,10m de profundidade.

3. ESPÓLIO

Apesar de não se ter feito um estudo exaustivo do espólio proveniente desta jazida, recolheram-se 7548 fragmentos de cerâmica. Os materiais recolhidos apontam para uma ocupação (única?) do Neolítico médio/final. Esta cronologia é proposta com base na presença/ausência de alguns elementos que nos parecem relevantes e das datações radiocarbónicas obtidas.

- Recipientes (vasos e taças) carenadas: este tipo de recipiente ocorre, de uma forma estatisticamente significativa, em jazidas do Neolítico médio/final. Estão presentes as carenas simples, sem espessamento e as carenas mamiladas.
- Vasos decorados (impressões e incisões): não se identificaram quaisquer elementos de decoração impressa e incisa.
- Vasos decorados com elementos plásticos: regista-se a presença de peças mamiladas, com mamilos simples ou duplos.
- As formas predominantes, para além das formas carenadas, são os esféricos e hemisféricos.

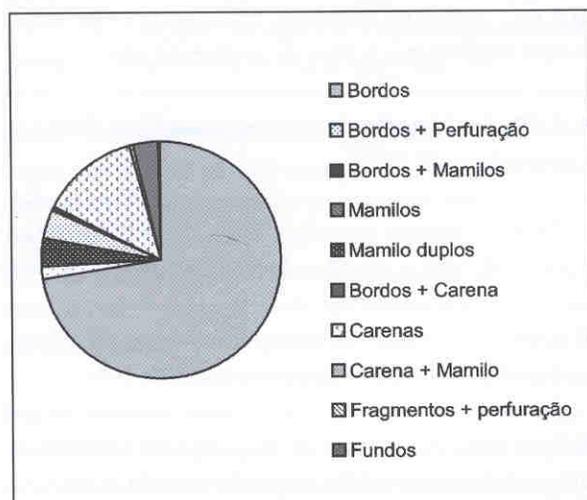


Gráfico 1 : Total de fragmentos cerâmicos por tipos.

As pastas apresentam cores avermelhadas, amareladas ou negras, algumas com um bom acabamento. Aparecem algumas cerâmicas de pastas muito negras (acção do calor) que se desfazem quando se tenta lavá-las ou manuseá-las.

Em relação ao engobe, aparece um avermelhado e outro, mais raro, esbranquiçado.

No entanto, existe uma estranha ausência de materiais líticos. De facto, só se recolheram dois artefactos de sílex, um furador, um resto de talhe e alguns seixos de quartzito, junto às áreas de combustão.

Dada a localização deste sítio, por razões óbvias, não se podem efectuar quaisquer medidas de protecção. Por outro lado, a própria dinâmica da maré favorece a protecção do sítio, uma vez que este se encontra coberto pelas areias e só ocasionalmente é posto a descoberto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o povoado da Praia do Forte Novo existem ainda muitas interrogações, devido à escassa área intervencionada e às próprias condições em que decorreram os trabalhos. No entanto, apesar da grande abundância de fragmentos cerâmicos, estes não apresentam diferenças cronotípicas significativas o que nos leva a supor a existência de apenas uma fase de ocupação que, com base na evidência material, colocaríamos entre o Neolítico médio e o Neolítico final. As datações obtidas a partir dos troncos recolhidos na praia e de uma amostra de terra de uma lareira (Sac- 1700) são: *(ver Quadro 2)*

As datações obtidas apontam-nos para duas fases distintas. Da mais antiga, não temos suporte da cultura material. De qualquer das formas, os troncos recolhidos encontravam-se nas áreas limítrofes do povoado.

Ref. do Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo	Idade (anos BP)	Data Calibrada 1 sigma	Data Calibrada 2 sigmas
Sac-1606	Madeira/Vasa	Madeira	4150±80	2880-2581 cal BC	2911-2470 cal Bc
Sac-1637	Madeira/Vasa	Madeira	4570±90	3493-3466 3375-3259 3245-3100 cal BC	3617-3590 3527-3020 2987-2927 cal BC
Sac-1700	Praia Forte Novo	Madeira	4430±120	3339-2911 cal BC	3496-3460 cal Bc
Sac-1580	Tronco	Madeira	6090±60	5064-4928 cal BC	5211-5164 5142-4894 4886-4840 cal BC
Sac-1639	Tronco Grande	Madeira	6270±100	5284-5193 5187-5130 5130-5072 cal BC	5430-5393 5387-4946 cal BC

Gráfico 2 : Datações

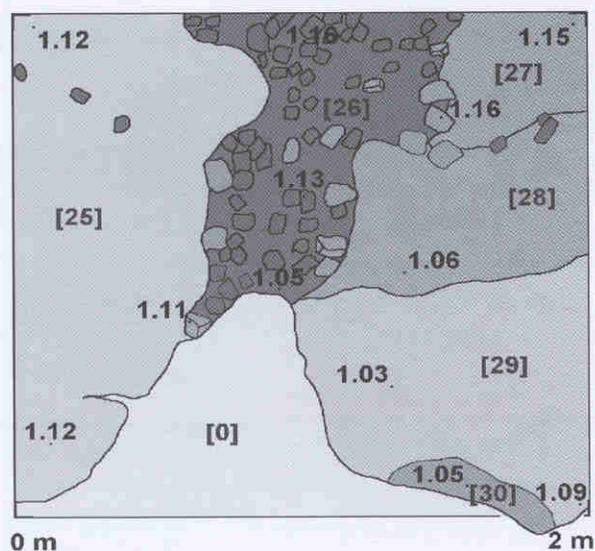


Figura 6 : Planta cotada das [0], [25],[27], [32], [33], [34] e [38]; Corte estratigráfico a/b.

Em relação aos materiais arqueológicos recolhidos neste povoado, as formas cerâmicas são maioritariamente simples, por vezes com decoração mamilada (mamilos de pequenas dimensões aplicados na parede); existe ainda um grande número de vasos e taças carenadas (sem espessamento na carena) e de fragmentos com perfurações. Note-se a ausência quase total de líticos.

A datação obtida através de carvões de uma das lareiras apresenta uma cronologia dentro do Neolítico final; note-se que a lareira foi aberta, como estrutura negativa, na [4], cujos materiais serão necessariamente, anteriores. Trata-se, em todo o caso, de uma data isolada, pelo que, por enquanto, todas as reservas se impõem.

Nesta fase da investigação, podemos avançar com algumas propostas interpretativas, provisórias, para este sítio:

1. As manchas de terras mais escuras onde aparecem as cerâmicas e os pedaços de barro cozido podem corresponder a fornos. O sítio da

Ponta da Passadeira, Lavradio (Barreiro), escavado pela Dr. Joaquina Soares (SOARES, 1995) permitiu identificar um nível de ocupação do Neolítico, com estruturas de combustão, interpretadas pela investigadora como prováveis fornos de produção de cerâmica.

2. As referidas manchas também podem ser interpretadas como vestígios de produção de sal, com base na utilização do fogo, de acordo com a hipótese colocada para um sítio com algumas semelhanças artefactuais e ambientais no Baixo Guadalquivir (ESCACENA, 1994).

3. Por último, atendendo a alguns paralelos conhecidos, é possível que a área do povoado exceda largamente a zona agora identificada e intervencionada; a provável correspondência de ocupação da PFN a um episódio de regressão da linha de costa e a alteração dos cordões dunares, torna plausível a extensão dos vestígios para as áreas agora cobertas pelo mar e pelas areias.

B. RUA DE ACESSO AO CASTELO (SILVES)

1. INTRODUÇÃO

O aparecimento de ossos humanos na Rua de Acesso ao Castelo de Silves, quando se procedia ao levantamento do asfalto para posterior substituição por calçada, conduziu a uma intervenção de emergência realizada pelos arqueólogos do IPA – Extensão de Silves.

Esta curta intervenção teve como objectivo tentar identificar e contextualizar os referidos vestígios.

O sítio localiza-se na Rua de Acesso ao Castelo, freguesia de Silves, concelho de Silves, distrito de Faro (Carta Militar de Portugal Fl. 595), e as suas coordenadas geográficas são 8°26'16" de Longitude; 37°11'14" de Latitude e a cerca de 50m de Altitude.

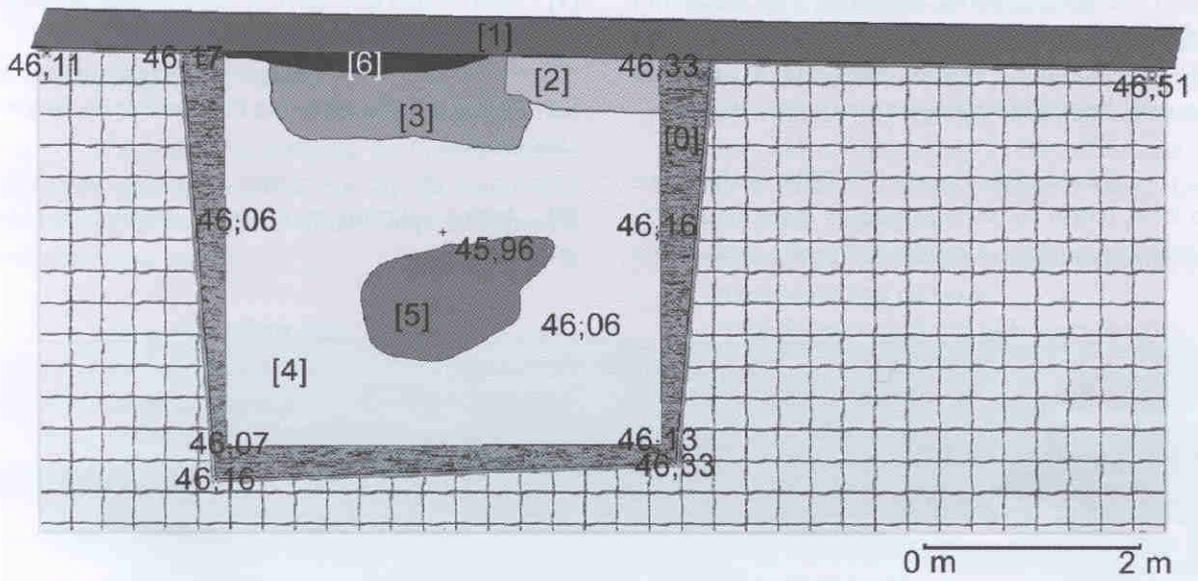


Gráfico 7 : R. Acesso Castelo: Planta final.

2. METODOLOGIA DA ESCAVAÇÃO

Uma vez que se pretendia apenas fazer uma avaliação preliminar da área, optou-se por abrir uma quadrícula não muito grande (de 3,60m x 4m), e por não aprofundar demasiado em nenhum local, dado o estado caótico, e aparentemente sem conexão, dos ossos que apareciam praticamente à superfície. Esta área foi posteriormente restringida a 2m x 3m, onde se escavou cerca de 0,15m de profundidade, de modo a pôr os vestígios a descoberto, mas sem os retirar.

O levantamento topográfico foi efectuado pelos Técnicos de topografia da Câmara Municipal de Silves (Planta 2), e as cotas apresentadas na planta são reais, inseridas no sistema geodésico nacional.

A Dr.^a Cidália Duarte (IPA, CIPA) deslocou-se ao local, tendo constatado que os ossos não apresentavam qualquer conexão anatómica. Segundo a

sua informação "...reconheci que os conjuntos osteológicos identificados são constituídos por ossos humanos sem conexão, em núcleos aparentemente dispersos. Após escavação dos grupos osteológicos expostos (.../...) a situação foi avaliada como um local de disposição secundária de ossos humanos, provavelmente numa zona de ossário de um dos dois cemitérios historicamente conhecidos no local"

A. Unidades estratigráficas:

[0] – Pavimento da rua.

[1] - Muro actual que serve se sustentação de terras numa pequena área ajardinada, junto ao Castelo.

[2] - Restos de uma estrutura com pedras de dimensões médias.

[3] - Antiga vala que se encontra preenchida com gravilha.

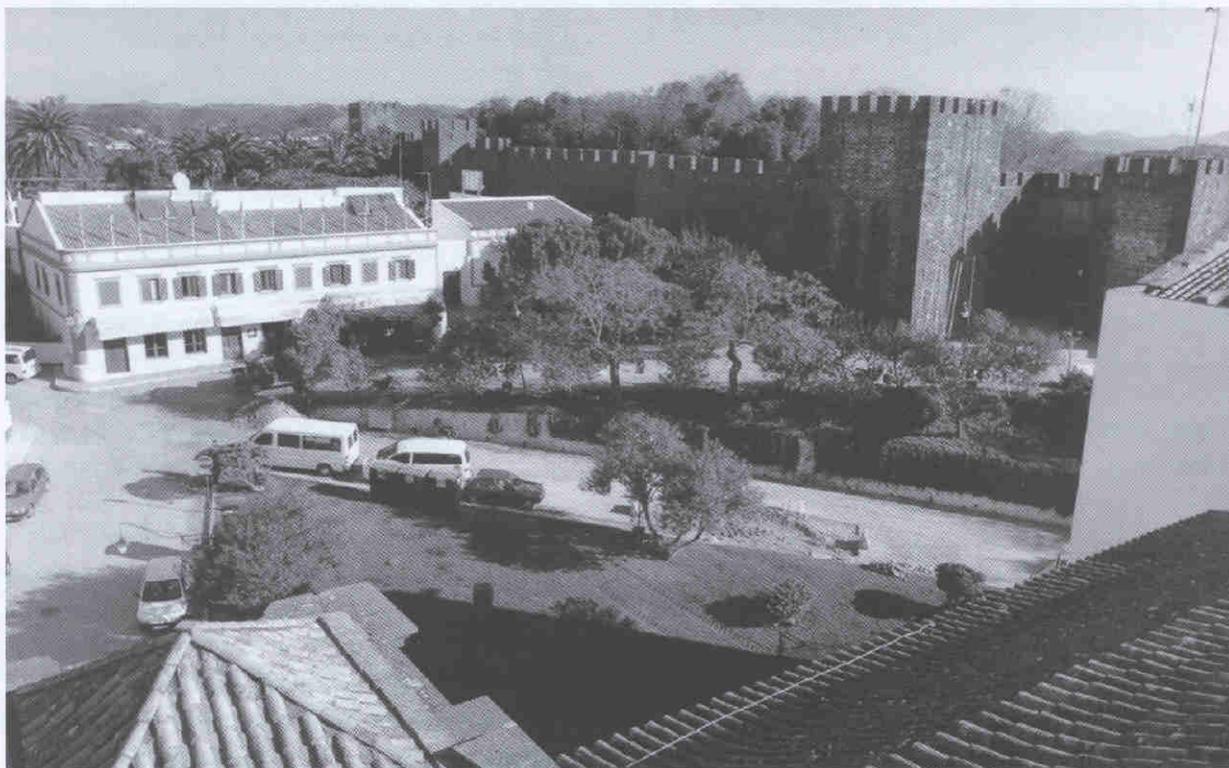


Figura 8 : R. Acesso Castelo: Vista geral da área.

[4] - Nível de barros avermelhados, muito compactos, onde se encontram os ossos.

[5] - Buraco aberto pela máquina, onde aparecem mais ossos amontoados.

[6] - Nível que aparece sob a [1], com materiais arqueológicos, aparentemente islâmicos (não se recolheram).

3. ESPÓLIO

Não se recolheu qualquer espólio associado aos esqueletos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção realizada na Rua de Acesso ao Castelo permitiu verificar que aquela área, muito próxima de um antigo cemitério, foi possivelmente utilizada como ossário.

Face a esta informação, optou-se por tapar a área, tanto mais que o nível da calçada era mais elevado, não afectando por isso os esqueletos, e ficar o registo, no IPA e na Câmara, da sua existência e localização.

Os ossos recolhidos ficaram depositados no Museu de Silves.

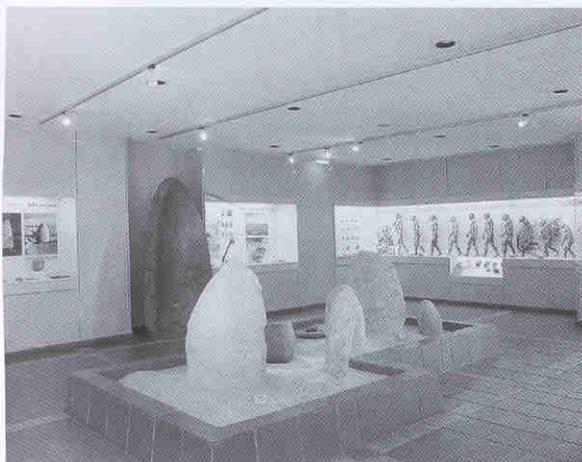


Figura 9 : Museu de Silves

Agradecimentos

O trabalho aqui apresentado contou, naturalmente, com a colaboração de várias entidades e pessoas a quem não podemos deixar de agradecer.

Na Praia do Forte Novo:

- Aos participantes: para além dos signatários estiveram presentes nesta escavação os Drs. José Correia e Manuela de Deus (IPA - Castro Verde), Lola Filipe e Andreia Santos. Do Grupo de Espeleologia de Quarteira os Srs. Joaquim Jacinto e Luís Guerreiro. Do Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, Maria João Martins Catarino (Técnica profissional - principal), Maria Antonieta Madeira Ribeiro Canteiro e Ricardina Carla Inácio Miranda (Técnicas profissionais de 2ª Classe), Rosária de Fátima Farinha Cabrita e Cláudio Bento Lampreia, como voluntário.
- Representante do Ministério da Cultura em Faro
- Câmara Municipal de Loulé
- Sociedade Portuguesa de Espeleologia - Delegação de Quarteira (GEONAUTA)
- Museu Municipal de Arqueologia de Loulé
- Direcção Regional do Ambiente
- Governo Civil de Faro
- Capitania do Porto de Faro
- Guarda Nacional Republicana de Quarteira
- Bombeiros de Loulé
- IPA - Extensão de Castro Verde
- A lavagem e tratamento de dessalinização esteve a cargo das Técnicas do Museu de Loulé. A marcação, inventário, desenho e estudo dos materiais foram efectuados por um dos signatários (LR). Agradeço a ajuda prestada pela minha colega Andreia Santos e pela Ana Martins (em pregada do IPA - Crato) na marcação dos materiais.

Na rua de Acesso ao Castelo:

- Aos participantes: para além dos signatários estiveram presentes nesta escavação a Dr.ª Cidália Duarte (Antropóloga do CIPA), Dr.ª M.ª José Gonçalves (Arqueóloga - Chefe da Divisão

Sócio-Cultural da C.M. Silves), Dr.^a Andreia Santos (Arqueóloga) e o Sr. Helder (trabalhador na C.M. de Silves)

A Manuel Calado a revisão crítica deste texto.

Bibliografia

- > CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. C.M. Cascais.
- > ESCACENA, JOSÉ LUIS (1994) – “Acerca de la producción de sal en el Neolítico Andaluz. Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana”, Huelva: Grupo de investigación arqueológica del patrimonio del Suroeste. p.91 - 118.
- > PAÇO, A.; LEMOS, J. (1964) – “Vila romana da Herdade da Fonte do Prior (Montemor – o – Novo)”, in *Arqueologia e História*. 8ª Série. XI, Lisboa, p. 27-39.
- > ROCHA, L.; BARROS. P. (1999/00) – “Escavações de emergência no Povoado da Praia do Forte Novo (Quarteira, Loulé)”, in *Al-ùlyã*. n.º7, Loulé, p. 19-25.
- > SOARES, J. (1995) – “Intervenção arqueológica de emergência na Ponta da Passadeira” (Barreiro). Relatório.